

As transformações no mundo do trabalho e a comunicação sindical

Apresentação

AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO do trabalho, assim como a queda dos paradigmas, têm afetado a tal ponto o sindicalismo brasileiro que as direções sindicais encontram-se ainda em estado de perplexidade, sem conseguir acompanhar as mudanças pelas quais estão passando os trabalhadores. Esta crise tem se refletido nas políticas de comunicação que as entidades sindicais desenvolvem, principalmente quando se entende a comunicação sindical como um processo dialético de transmissão de cultura, de caráter dialógico. Observa -se que esta comunicação está falhando, a partir do momento em que esquece a proposta dialógica e horizontal e estabelece uma via de mão única com seu público.

Este trabalho pretende recuperar o papel da comunicação sindical como alternativa estratégica de informação para a classe trabalhadora, levando em conta o impacto das novas tecnologias no meio sindical, particularmente no âmbito do sindicalismo praticado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), objeto de estudo deste artigo. Para isso, estuda-se a utilização da Internet pela comunicação sindical bancária no Rio Grande do Sul.

O estudo diz respeito ao trabalho que vem sendo realizado com a rede Bancnet, da Federação dos Bancários/RS. A rede, que oferece acesso à Internet para os 40 mil representantes da categoria bancária no Rio Grande do Sul, se propõe a ser mais uma ferramenta em busca da democratização da comunicação e de divulgação dos trabalha-

Cosette Castro

Mestranda em Comunicação Social
FAMECOS/PUCRS

dores bancários.

Através da Internet, a comunicação dos bancários deixa de ser realizada apenas para o público gaúcho, tornando-se o primeiro pólo irradiador de informações sindicais bancárias para o Mercosul (e para o mundo), o que estabelece novos parâmetros para o estudo da comunicação sindical no Brasil.

1 Impacto

Em pleno tempo de reestruturação global da economia, o mundo do trabalho ainda procura respostas para as modificações que os trabalhadores estão passando com a implantação de novas tecnologias, de novas técnicas de gestão do trabalho e com o crescente desemprego estrutural. Estas transformações que, no âmbito político foi marcado nos anos 80 pela queda dos paradigmas, atingiu em primeiro lugar os países desenvolvidos, com profundo reflexo nos países do terceiro mundo. No caso do Brasil, um país periférico com alto índice de industrialização, já existem números confiáveis da adesão do governo e do setor privado à modernidade.

Em parte, o fenômeno é explicado pela impressionante incorporação de tecnologia, que elimina funções até pouco tempo indispensáveis tanto na indústria quanto no setor de serviços. Entre 1993 e 95, a economia brasileira cresceu cerca de 15%, mas a oferta de empregos apenas 2%.¹ Outra parte está associada a novas formas de gerenciamento pautadas pela competitividade absoluta, que exige produção e redução dos custos. Com uma política voltada para a redução dos encargos sociais, da massa salarial e da carga tributária, as empresas privadas e públicas tendem a se concentrar na atividade essencial, privilegiando a prestação de serviço autônomo e a terceirização de tudo que consideram secundário.

Exemplo recente do impacto na economia nacional foi o anúncio feito por fontes do

governo, informando que apenas 27 milhões de trabalhadores (dos 50 que estão no mercado) têm carteira de trabalho assinada. Ou seja, não apenas houve redução dos postos de trabalho, ampliando o universo de desempregados, como cresceu o número de pessoas que sobrevivem da economia informal. Em ambos os casos – desemprego ou mercado informal – tratam-se de trabalhadores excluídos tanto dos direitos sociais garantidos em lei como das políticas estabelecidas pelos sindicatos para proteção dos trabalhadores.

No quadro brasileiro, as empresas tentam rapidamente adaptar-se às novas transformações e sobreviver à concorrência internacional. Já os sindicatos, remam contra a onda recessiva, diz Ricardo Antunes.² Com uma estrutura sindical ultrapassada e ainda atrelada ao Estado que atinge até entidades situadas à esquerda, como os filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), os sindicatos vêm atuando de forma defensiva. Até o momento não conseguiram esboçar uma reação à crise em que se encontram, seja pelo agravamento da recessão, pelas constantes perdas salariais ou pelo crescente número de desemprego, que está reduzindo drasticamente o número de sindicalizados. O caso mais notório é o dos bancários que vêm sentindo na pele os resultados da automação dos bancos: de um mercado com 1 milhão de empregos na década de 70, a categoria deverá chegar ao ano 2000 com apenas 400 mil bancários em atividade no país.³

Segundo Nilson Lage⁴, o ideário neoliberal existente no Brasil, que emerge da revolução tecnológica e do acirramento da competição, permite prever sete dicotomias:

1 Globalização e regionalidade – a globalização, pensada como processo econômico, do ângulo da produção e circulação de mercadorias, pressupõe um rígido controle das informações. A expectativa é de que, até o final século – em quatro anos – este controle já esteja definido através de fusões, incorpo-

rações, compras e acordos, provocando uma concentração sem precedentes na área de comunicação. Para Ben Bagdikian,⁵ algo em torno de seis a dez grandes conglomerados internacionais deterão as novas tecnologias em comunicação (incluindo aí as telecomunicações, os mass media e a informática), assim como o domínio dos processos técnicos. Para se contrapor às mensagens massificadas, à informação padronizada e à brutal invasão de produtos e culturas estranhas, já se esboçam reações nacionalistas, regionais e étnicas, como forma de manutenção da identidade e culturas.

2 Democracia e fascismo – é a segunda dicotomia apresentada por Nilson Lage. Para o professor, a concentração de poder decisório e de recursos disponíveis nas mãos de pequenos grupos controladores de investimentos globais – capitalistas e gerentes de fundos – estabelece em todo o mundo a política que melhor convém à lucratividade do capital. E o quadro já está dado: recessão, desemprego estrutural, crescimento do mercado informal, ingredientes que alimentam o racismo, o anseio de poderes nacionais mais fortes e, entre outros, as soluções simplistas de líderes carismáticos, estabelecendo assim os componentes do fascismo.

3 Bem-estar para uns e exclusão para muitos – amplo acesso a instrumentos e símbolos de bem-estar num mercado cada vez mais rico em ofertas convivendo ao lado do crescente desemprego e rejeição social. O sentimento de exclusão atinge velhos, excluídos do processo produtivo, e jovens, que não têm perspectiva de conseguir entrar no mercado de trabalho. Os segmentos marginais estarão, de acordo com Nilson Lage, cada vez mais agressivos e desordenadores do discurso democrático.

4 Globalização das diferenças sociais – Este é o custo da internacionalização do capital. Se por um lado, as elites do terceiro mundo tendem a se igualar com as do primeiro mundo, o mesmo tende a ocorrer com os

excluídos, com fenômenos de recessão e desemprego atingindo segmentos de massa por toda parte.

5 Contradição entre o primado do capital e a emergência da comunidade de criadores – num mundo tecnológico, a competição entre criadores e técnicas de processos será acirrada, tornando os criadores numa nova classe privilegiada, conservadora e brilhante.

6 Conflito entre capital financeiro e estruturas produtivas – é a sexta dicotomia. Ou seja, as instituições, sejam elas estatais ou mantidas por organismos não-estatais, estarão sob o controle político das instituições do grande capital. A disputa acontecerá disfarçadamente de várias maneiras: campanhas ecológicas contra o corporativismo ou pela competitividade.

7 Contraposição entre a pluralidade dos canais e a unanimidade do discurso – apesar de se acreditar por muitos anos que, se houvesse grande variedade de canais de informação, haveria um discurso social plural, a realidade mostra que isso não vem ocorrendo. As rádios FM e AM tocam o mesmo gênero de música e os programas de tv (de humor, de variedades) são idênticos no Brasil e no México. Também a notícia se padroniza de maneira a consolidar o discurso das classes dominantes. Afinal, greves que não tenham desdobramentos violentos ou manifestações de espetaculosidade circense não “interessam” como notícia. Ao silenciar este discurso, os veículos de comunicação tentam suprimir a greve como instrumento de luta dos trabalhadores.

2 Diferentes formas de olhar

A visão de mundo exposta por Nilson Lage pensa o futuro – e nele os meios de comunicação e a cultura de massa – a partir de uma visão realista, conforme proposta do semiólogo e ensaísta italiano Umberto Eco⁶. Essa postura crítica, onde a máquina é vista

como um instrumento estratégico, um meio, entre outras possibilidades para o desenvolvimento da sociedade, também permite a outros segmentos, como os movimentos popular e sindical, lançarem um novo olhar sob a questão. Não se trata de ignorar as máquinas (como fizeram os trabalhadores durante a revolução industrial no século passado) como desejam os chamados apocalípticos, nem agir como as pessoas consideradas integradas, que possuem aceitação acrítica de tudo que é veiculado, e colocam a máquina como a solução para os problemas da humanidade. Trata-se de redescobrir o papel dos sindicatos de trabalhadores neste final de século. E, principalmente, redimensionar a comunicação sindical para que continue cumprindo sua função estratégica enquanto alternativa de informação e possibilite um discurso dialógico que possa realmente ser considerado como a fala dos trabalhadores.

Vários pesquisadores, ensaístas e ideólogos têm se posicionado nas categorias sugeridas por Umberto Eco. Entre os chamados apocalípticos podemos citar o americano Neil Postman, chefe do departamento de Cultura e Comunicação da New York University, em cujo trabalho aparece o conceito de tecnopólio,⁷ uma forma de autoritarismo tecnocrático comandado pelo computador que ele considera inimigo da democracia. Postman opõe o computador aos seres humanos e vê com apreensão o crescimento do computador na cultura americana, incentivado particularmente pelos meios de comunicação.

Do outro lado, entre os integrados, está o megaempresário Bill Gates, dono da Microsoft, que em seu recente livro *A Estrada do Futuro* propõe um futuro para o mundo, sugerindo juntar num mesmo sistema de cabos óticos e satélites tudo o que pode ser transformado em bits: músicas, textos, filmes e dados – criando, assim, a chamada “estrada da informação”. No futuro de Gates, apenas a tecnologia varia; o que importa é comprar,

vender e consumir. A sensação que o megaempresário passa para as pessoas é de que irão ter tudo através do computador, sem precisar sair de casa para se encontrar. Para o argentino Eduardo Vizer,⁸ com o fenômeno de informatização da sociedade, há um grande número de integrados. Acreditamos que este seja um fenômeno mundial. O autor sugere que:

“... estamos sendo fascinados obsessivamente por uma atitude e receita tecnológica quase mágica, uma espécie de tecnomagia, que permite superar as frustrações de um desenvolvimento lento, saltando etapas, negando certos fatos da realidade, suplantando, quase mecanicamente equipamentos e tecnologias sofisticadas.”⁹

Na prática, nem os sindicatos de trabalhadores com suas diretorias são imunes ao fascínio das novas tecnologias. Exemplo disso, é a incorporação de novas tecnologias nos principais sindicatos de bancários, objeto de estudo deste trabalho, que desde o início dos anos 90 computadorizaram seus departamentos de comunicação, jurídico, financeiro e administrativo.

3 Seduzidos pela Tecnologia

Cada vez mais o mundo do trabalho está utilizando as novidades tecnológicas e a informática, principalmente nos departamentos de comunicação. Entretanto, na maior parte dos casos, essa “modernização” não tem contribuído para ampliar a participação dos trabalhadores, que estão se afastando e se desfilando dos sindicatos. Isso ocorre por vários motivos, mas basicamente porque questões de fundo não se resolvem com modernização tecnológica.

Politicamente sem respostas para o fim do socialismo no leste europeu e na Nicarágua, vivendo em um mundo onde falar de socialismo está fora de moda, as direções

sindicais de esquerda não conseguiram “sequer fazer” a revolução dentro de suas próprias entidades. Afinal, mesmo os sindicatos cutistas, de perfil socialista, mantêm estruturas de poder atreladas ao Estado.

Como não bastasse esse atrelamento e a crise dos paradigmas, as mudanças nas formas de gestão do trabalho com a criação do toyotismo – modelo criado pela Toyota desenvolvido a partir de modificações e adaptações do fordismo, que prevê a flexibilização do processo de produção – compuseram o quadro da crise. Para Ricardo Antunes,¹⁰ houve uma revolução técnica no interior do capitalismo, uma vez que as transformações da automação, da robótica e da microeletrônica colocam em um novo patamar o processo de produção de mercadorias.

Grande parte das direções sindicais brasileiras enclausurou-se dentro dos sindicatos e ainda está afogada com os problemas que o mundo do trabalho vem enfrentando, sejam os macro estruturais, já citados, sejam as questões internas. Problemas como o distanciamento das direções sindicais de suas bases, o cupulismo – regime onde as decisões passam apenas pelos dirigentes –, o autoritarismo no relacionamento com as minorias ou com os funcionários e a censura nos materiais de comunicação, são denunciados em todo o país nos congressos cutistas e não se pode culpar as inovações tecnológicas por isso. Como diz Cremilda Medina,¹¹ “a racionalidade técnica, tecnológica ou científica, tem servido muito pouco ao bem-estar das maiorias. Elas (as tecnologias) terminaram na concentração do saber-poder”. E a comunicação sindical, como parte fundamental da política de divulgação dos sindicatos, não foge a esta realidade.

4 Comunicação Sindical – breve histórico

Diferente dos anos 90, quando os sindicatos passam a utilizar os mesmos aparatos

tecnológicos dos veículos de comunicação de massa, a comunicação sindical teve seu começo, ainda no século passado, marcado por materiais de pouca durabilidade que receberam diferentes influências no decorrer deste século.

Vertente urbana da comunicação alternativa que mais se desenvolveu no país, a comunicação sindical difere frontalmente do modelo de comunicação pensado por Jacobson (produtor – mensagem – receptor), um modelo verticalizado, que propôs um profissional da comunicação neutro, ignorando todas as influências que perpassam a mediação, sejam elas culturais, histórias, políticas, ou de âmbito pessoal daquele que realiza o processo de comunicação. A comunicação sindical, do modo que a entendemos, é um processo dialógico e horizontal,¹² feita com e para os trabalhadores, de caráter transformador e participativo, onde o profissional atua como um mediador na produção de sentido dos trabalhadores. Sua história comprova as várias tentativas de dar voz aos trabalhadores.

Desde a segunda metade do século XIX se esboçam movimentos reivindicatórios que utilizavam panfletos e periódicos para divulgar suas lutas, mas apenas em 1906 aparece no Brasil a primeira instituição com o nome de sindicato.¹³ Com o fim do regime escravocrata, a incipiente industrialização e o desenvolvimento agrícola incentivaram a vinda maciça da mão-de-obra européia. Junto com os imigrantes europeus, vieram as idéias anarquistas, que possibilitaram a proliferação de sindicatos. Esse sindicalismo em expansão abriu as portas para uma grande produção editorial, divulgou os ideais libertários e colaborou com a mobilização da classe trabalhadora, que realizou sua primeira greve geral no Brasil em 1917.¹⁴ Além dos assuntos econômicos, as publicações tratavam também de política e cultura, caracterizando-se pela postura libertária, anticapitalista e anticlerical. Em 1916, surge o Partido Socialista Brasileiro, de orientação anarquista que realiza um congresso operário. Um ano depois, os

socialistas fundam um jornal (A Plebe), para apoiar as manifestações operárias e fazer pregações literárias. O declínio anarquista começa em 1917 com a frustrada greve geral e o entusiasmo crescente dos trabalhadores com a vitória da revolução russa. A partir de então, os socialistas e comunistas começam a assumir os principais sindicatos do país. Em 1922, surge o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que cria o jornal A Classe Operária três anos mais tarde.¹⁵ Até o final da década surgem vários jornais sindicais com periodicidade mais regular e existência duradoura, publicados e orientados por membros do PCB, partido que possuía duas editoras.

Com a revolução de 30 e a instituição do Estado Novo, os meios de comunicação sindicais e partidários sofrem uma baixa em termos de títulos e tiragens. Muitos foram fechados e censurados no período mais negro do Estado Novo, quando entra em vigor a Lei de Segurança Nacional. À frente do país estava Getúlio Vargas, presidente que possibilitou uma série de direitos aos trabalhadores, como a criação da carteira do trabalho, do Ministério do Trabalho, do direito a férias, o Fundo de Garantia e Tempo de Serviço (FGTS) e o 13º salário. Esse mesmo presidente prendeu sindicalistas e políticos de esquerda, interveio nos sindicatos e censurou publicações sindicais e partidárias, mas terminou por ficar conhecido como “o pai dos pobres”. Neste período, os jornais passaram a publicar artigos sobre assistência e lazer, além de matérias informativas extraídas da grande imprensa.¹⁶

Nas décadas 50 e 60, partidos políticos de esquerda, principalmente o PCB, retomam sua influência nos sindicatos, encampando e divulgando campanhas nacionalistas. Nota-se vasta existência de oposições sindicais que publicavam boletins de caráter reivindicatório. Com a ditadura, a partir de 1964, os sindicatos combatentes voltam a sofrer intervenção e as publicações sindicais são praticamente dizimadas. Esse refluxo só acabaria no final dos anos 70, com o advento dos novos movimentos sociais e de um novo

sindicalismo.¹⁷

Nesta fase situa-se o período de contraposição da comunicação sindical, que procurava dar a versão dos trabalhadores em um momento político em que as entidades sindicais não tinham nem vez nem voz na imprensa tradicional. As omissões dos veículos de comunicação de massa eram respondidas com a edição de materiais que resgatavam a visão dos trabalhadores, nas quais podiam se identificar. A proposta era se contrapor à visão hegemônica (conforme conceito gramsciano) com uma visão marxista, de linha leninista e gramsciana, voltada para informação e formação de futuros sindicalistas. Observa-se que o crescimento da comunicação sindical está estreitamente ligada ao crescimento do sindicalismo, de sua modernização e dinamização, com a ampliação do quadro de sócios das entidades, expansão das atividades, a mobilização e as grandes greves, bem como à formação das centrais sindicais, que passam a estimular a criação de novos mecanismos de comunicação e a discussão de políticas para a área.

A partir deste período, a comunicação sindical extrapola os materiais impressos. No começo da década de 80 aparecem os primeiros vídeos e no começo dos anos 90, a exemplo do que já acontecia no sindicalismo rural, os sindicatos urbanos passam a utilizar outros veículos como programas de rádio, com a compra de espaço em rádios comerciais para colocar no ar seus programas e revistas, como os bancários e os metalúrgicos. Diferentemente de países do Cone Sul, como o Chile e a Argentina, somente há dois anos o movimento sindical e popular passou a dar atenção às outras possibilidades, como a utilização de rádios livres para divulgar seus programas. Atualmente, a comunicação sindical no Brasil encontra-se no estágio da profissionalização. As redações computadorizadas das principais categorias do país distanciam-se das antigas redações sindicais que tinham a figura de um (ou mais) diretor que escrevia o jornal. Hoje há redações completas (com repórter, editor,

diagramador, fotógrafo, ilustrador, departamento de pesquisa) e um grande número de jornais diários. De acordo com dados da Central Única dos Trabalhadores (CUT), atualmente são editados mensalmente cerca de 12 milhões de jornais cutistas no Brasil. A comunicação sindical assumiu tamanha importância que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu o item imprensa sindical em seus levantamentos. Isso não significa, contudo, que essa comunicação não apresente problemas.

5 Impasses

Refletindo a crise que o sindicalismo brasileiro se encontra, a comunicação sindical não passa imune pelo processo. Ela tende a repetir situações de dominação semelhantes às que as direções sindicais praticam. Isso ocorre principalmente por causa das relações viciadas que aparecem no sindicalismo cutista.

As posturas cupulistas, autoritárias, despolitizadas e pouco solidárias, mostram que as direções sindicais têm visto nas suas categorias, enquanto público, mero depositários das informações que desejam veicular. Ou seja, repetem na comunicação sindical as mesmas atitudes verticalizadas e unidirecionais encontradas nas relações com seus patrões. Acreditamos que a única maneira de romper com esta relação viciada é possibilitar a participação da categoria, principalmente através dos materiais de comunicação que não expressem apenas a opinião dos dirigentes.

Segundo Máximo Grinsberg,¹⁸ essas direções sindicais são herdeiras de concepções funcionalistas e condutivistas. "Elas realizam duas operações simultâneas: primeiro transformam o mero discurso em fonte de consciência, ignorando a categoria marxista da práxis. Além disso, coincidem com as teorias de controle social que nutrem as experiências cibernicistas, condutivistas e neocondutivistas". Assim, promovem no

campo da comunicação, "a divisão classista do trabalho entre emissores e receptores, entre os que falam e os que escutam, entre os que mandam e os que obedecem, ou seja, entre os que possuem o monopólio do discurso, sustentado no monopólio do poder."¹⁹ Em outras palavras, deixam de colocar em prática o dialogismo que caracteriza este tipo de comunicação, impossibilitando as trocas. Neste aspecto, a realidade é colocada a partir do ponto de vista de um número muito pequeno de empregados – as diretorias sindicais. A manipulação ocorre dentro da própria classe trabalhadora.

Ao adotar esta prática, as direções sindicais impedem a realização de uma comunicação sindical realmente democrática que se apresente como alternativa crítica de informação perante o monopólio da comunicação de massa. Dentro desta ótica, os profissionais da comunicação são meros repassadores de informação. Não atuam como mediadores da produção de sentido. Segundo Luiz Momesso, a concepção de comunicação respaldada nos conceitos de emissor e receptor transforma o receptor de sujeito para objeto e o comunicador de sujeito em instrumento.²⁰ Ao priorizar a construção da informação respaldada nas tecnologias em detrimento da contextualização do fato, a finalidade virou máquina e não quem mexe com ela. Conforme Cremilda Medina,²¹ "faz parte da ideologia do progresso, da necessidade de sermos modernos e competentes. O que está em jogo é o controle do outro."

Isso ocorre quando a comunicação sindical não é praticada enquanto comunicação de classe.

Para recuperar seu papel dialógico e transformador é preciso que:

- 1 a comunicação sindical extrapole as questões da categoria;
- 2 a comunicação sindical identifique-se com o seu público, que conheça e reconheça o

seu público através de pesquisas qualitativas, de matérias culturais, de temas que falem do cotidiano, da televisão ao futebol.

3 ao contrário dos veículos de comunicação de massa, a comunicação dos trabalhadores evite a fragmentação cotidiana com a qual os receptores são bombardeados, contextualizando-os no mundo e colocando-os a par das principais tendências mundiais a partir de um olhar crítico e multidisciplinar. Isso significa também repensar o papel dos sindicatos de trabalhadores para que assumam seu papel de agentes transformadores da realidade social e abram seus materiais de comunicação para o público e a sociedade, dando-lhes espaço de manifestação e produção.

6 Possibilidades Culturais

Enquanto na área econômica o que se observa é o processo de globalização da economia, na esfera cultural existe um processo de mundialização da cultura. Este processo atingiu também a territorialidade, pois, segundo a análise de Renato Ortiz,²² as fronteiras estão deixando de existir e, nos próximos anos, uma nova noção de territorialidade deverá surgir, principalmente com o uso da Internet.

O processo de produção, que na sociedade moderna extrapolou os escritórios e fábricas, hoje pode ser encontrado também nos lares, nas ruas, nos espaços de entretenimento públicos, nas escolas.

Enfim, pode ser encontrado em todo o lugar onde o indivíduo social é educado para incorporar-se a uma rotina produtiva e, ao mesmo tempo, dialeticamente, é construído para usar e desejar o produto que, socialmente, ajudou a fabricar. Esta construção é cultural. Está no âmbito do consumo e do desejo. Levando-se em conta que a cultura moderna é modificada pela presença onipotente dos meios de comunicação de massa, essa

modificação se dá através de formas simbólicas, que influenciam a produção de sentido.

De acordo com Pierre Bourdieu,²³ o consumo é o lugar da construção social das diferenças, da construção social dos gostos. Mas também, diz Nestor Canclini,²⁴ "é o espaço do conflito social e espaço de apropriação; apropriação que não é senão uma luta pela fixação do sentido". E, portanto, contraditória. O consumo passa a identificar o espaço de cotidianidade nas formas não explícitas de luta e de resistência da cultura popular. Como os trabalhadores estão incluídos na cultura popular, não se pode deixar de pensar como se processa o seu imaginário na tentativa de entender como absorvem as diferenças, essa mistura de regional com nacional e transnacional – característicos da globalização –, assim como a mistura entre o popular, o culto e o massivo. Com estes dados e observações, torna-se possível pensar uma real aproximação com o cotidiano dos trabalhadores, levando em conta as mediações realizadas pelos meios de comunicação.

Como diz Thompson,²⁵ a comunicação de massa é uma questão tecnológica, de mecanismos poderosos de produção e transmissão, assim como é uma questão de formas simbólicas, que são produzidas e transmitidas e recebidas por meio de tecnologias desenvolvidas pela indústria da mídia. Por isso, buscamos na Teoria da Recepção elementos para se compreender melhor as mudanças pelas quais passam os trabalhadores, enquanto público receptor.

O trabalho de pesquisadores como Nestor Canclini e Jesus-Martin Barbedo também pode ajudar na busca de novos elementos para a comunicação sindical. Afinal, a dimensão da recepção é também a recepção da cultura e nos mostra uma situação de profunda desigualdade. É o local aonde as classes populares filtram e reelaboram o discurso da cultura dominante nas diversas leituras que fazem da mensagem. E é o

reconhecimento das diferenças e das diferentes culturas que possibilita um novo olhar sobre o processo comunicativo. Este reconhecimento da comunicação enquanto espaço de constituição dos sujeitos abre espaço para que os movimentos sociais, incluindo-se aí os sindicatos, assumam a questão da cultura como uma dimensão fundamental para a aproximação com o seu público.

Em entrevista à Marta Elena Montoya, Nestor Garcia Canclini²⁶ se diz impressionado com a falta de compreensão da esquerda latino-americana, que “ainda não entendeu as mudanças que se produziram nos mercados culturais com as novas tecnologias”. Canclini reforça o que vêm dizendo os principais pesquisadores da comunicação sindical no Brasil: é impossível realizar uma alternativa de comunicação, se a esquerda nega-se a conhecer e reconhecer o público com que trabalha e as transformações que este público vem passando. Para modificar esta situação, os sindicatos têm que assumir realmente o papel de agentes transformadores da realidade social e abrir seus materiais de comunicação para o público e para sociedade, dando-lhes espaço para manifestação e produção.

Edgar Morin²⁷ afirma que “o fato, a informação deve ser capaz de enriquecer-nos, de mudar-nos, simplesmente porque nos permitiu ver o que era invisível para nós, saber o que ignorávamos, acreditar no que considerávamos inacreditável”. Acreditamos que esse “enriquecimento” significa a possibilidade de acrescentar algo de novo na informação (um olhar caleidoscópico), de possibilitar o debate, significa um passo a mais em direção à democratização da informação em tempos de informações tão pasteurizadas.

7 Democratizando a Comunicação

No Rio Grande do Sul as entidades cutistas de grande porte vêm se esforçando para unir a

assimilação de novas tecnologias com novas linguagens e introdução de diferentes maneiras de interagir com seus públicos, entre elas a categoria bancária.

A Federação dos Bancários/RS (Feeb/RS) possui direção colegiada, representa 40 sindicatos de bancários no Estado (cerca de 40 mil bancários) e possui uma realidade diferenciada. A categoria bancária é uma das que mais sofrem com a introdução de novas tecnologias e a automação do setor bancário. Desde a instalação do Plano Real, em 1994, nove bancos já sofreram intervenção no país, sendo que quatro foram incorporados por outros grupos. Além disso, o governo federal anunciou um programa de privatização dos bancos e tenta inaugurar esta fase leiloando um banco gaúcho – o Meridional do Brasil SA – de caráter federal, que tem 12 mil funcionários.

Para se adequar aos novos tempos, a Federação lançou para o movimento sindical e popular a rede Bancnet, que oferece acesso à Internet, além de todas as ferramentas disponíveis, como E-mail, gopher, www e FTP, através de um convênio com o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), via Alternex.

Diariamente o departamento de comunicação da Federação imprime o Feebinfax, um jornal tablete (frente e verso) com as principais notícias do país sobre a categoria bancária. Este material é repassado através da Internet para os sindicatos filiados e se encontra a disposição dos 112 usuários (dados de maio/96) da rede. Além disso, há cinco grupos de discussão sobre o mundo do trabalho: a cut.agencia; trab.noticias; trab.producao; trab.direitos e trab.saúde. Para o jornalista Marcelo Pimenta, coordenador da Bancnet, “as redes constituem uma maneira fácil e barata de manter informado quem deseja mudar a realidade do país, ao mesmo tempo em que muda o papel do dirigente sindical”. Através da Bancnet, as atividades dos bancários gaúchos podem ser divulgadas para

todo o mundo, mesmo que os meios de comunicação muitas vezes teimem em permanecer calados frente à luta dos trabalhadores. A Bancnet abre a possibilidade de que a comunicação dos bancários deixe de ser realizada apenas para o público gaúcho, tornando-se o primeiro pólo irradiador de informações sindicais bancárias para o Mercosul (e para o mundo). Isso estabelece, por consequência, novos parâmetros para o estudo da comunicação sindical no Brasil, já que não se trata mais de divulgar informações apenas entre sindicatos da mesma categoria, mas para várias categorias e para diferentes países.

Por outro lado, com a Internet acelera-se o processo de desterritorialização, já que a rede vem retirando as prerrogativas do Estado-nação. A afirmação do professor Renato Ortiz ²⁸ é preciso acrescentar outras. A Internet, assim como pode facilitar a vida de sindicatos e Organizações Não-Governamentais (ONGs), pode significar também um canal de exclusão. Principalmente, se levarmos em conta que, no Brasil, a história da tecnologia pode ser considerada uma história de exclusões.

Os únicos aparelhos modernos disponíveis à população pobre são o rádio, a televisão e a geladeira. Nem telefone, nem computadores e muito menos Internet, já que somente nove em cada 100 brasileiros dispõem de serviço telefônico. Os computadores pessoais são vendidos a preços exorbitantes pelos padrões internacionais e pouco disseminados ainda. Mesmo no caso dos equipamentos tornarem-se acessíveis, muitos brasileiros terão de enfrentar um outro problema: uma educação inadequada para dominar um teclado de computador. Isso sem contar que entre os 81% dos brasileiros oficialmente alfabetizados, milhões são incapazes de realizar tarefas mais complexas do que assinar o próprio nome. ²⁹

Mas nem tudo está perdido. Ao assumir o lado pobre do Brasil, o governo brasileiro e

entidades que utilizam a rede, como é o caso da Federação dos Bancários, têm a chance de fazer um uso mais solidário da Internet, que poderá tornar-se mais acessível, se forem realizados projetos de uso comunitário. Da parte do governo federal, um comitê gestor interministerial, ligado ao Ministério das Comunicações, possui um subcomitê que inclui representantes do movimento social, como sindicatos e entidades feministas, para estudar a realização de projetos pilotos de acesso comunitário.

Passando esta fase, o Brasil, através de redes como a Bancnet e a Alternex, tem outro desafio pela frente: ampliar o número de informações na América Latina e nos países de língua portuguesa, como Brasil, Portugal e Angola, para que diminua o desequilíbrio dos materiais publicados em inglês. Hoje, mesmo redes alternativas como a Associação para o Progresso das Comunicações (APC), localizada no Brasil, tem 70% de todas as informações e discussões realizadas em inglês, 20% em espanhol e apenas 10% em português, o que exclui um número significativo de trabalhadores interessados em participar das redes.

Conclusão

Se entendermos a comunicação sindical como um processo dialético de transmissão de cultura, notaremos que a dialética da comunicação sindical – em meio às transformações tecnológicas e econômicas que a globalização vem impondo a países periféricos como o Brasil – está falhando na medida em que se estabelece como uma via de mão única.

Falar em democratização da comunicação significa ir além do discurso que o movimento sindical vem fazendo ao acusar os grupos detentores do monopólio da comunicação no Brasil de omissão e manipulação das informações, principalmente das que dizem respeito à classe trabalhadora. Significa também olhar para dentro das estruturas sindicais e sustentar um projeto que contemple

o direito de expressão do outro (indivíduo que se singulariza pela diferença). Significa reconhecer as particularidades dos grupos sociais, reconhecer os elementos que projetam a democratização numa esfera universal, através da cidadania, dos direitos humanos, bem como através de ampla liberdade de ação e expressão, tanto das minorias quanto das maiorias silenciadas pelas desigualdades sócioeconômicas que dividem o mundo contemporâneo. Significa que é preciso também construir uma relação realmente democrática e dialógica no interior da comunicação sindical, que possibilite práticas transformadoras da realidade. Isso pressupõe modificações importantes na estrutura e elaboração das políticas sindicais.

A partir da constatação de que a sociedade tornou-se global, Otavio Ianni³⁰ diz que "ela compreende uma totalidade mais ampla, em movimento, absorvendo vários outros. Incorpora necessariamente a sociedade nacional e o Estado-nação, assim como o indivíduo e a cidadania, a cultura e a religião, a língua e o dialeto". Trabalhando com tamanhas contradições e diferenças, torna-se necessário ao movimento sindical (e por consequência à comunicação sindical) abrir suas portas para outras entidades, com objetivo de se inter-relacionarem com sindicatos-co-irmãos de outros estados, países (como o Mercosul e América Latina) e ainda de outras categorias buscando redes alternativas e democráticas de informação que contextualizem as notícias a partir da ótica do trabalhador, sem censura ou fragmentação, uma tarefa onde a utilização de redes como a Bancnet pode ser fundamental ■

Notas

- 1 Dados Fornecidos pelo Jornal "Extra Classe", nº 1, março de 1996.
- 2 ANTUNES, Ricardo. "Os Desafios Estratégicos da CUT: a

CUT entre o Classismo e a Social Democracia", in Sebastião Lopes Neto & Vito Giannotti Para Onde Vai a CUT, São Paulo, Página Aberta., 1993.

- 3 Fonte: Confederação Nacional dos Bancários (CNB).
- 4 Palestra proferida no 27º Encontro Nacional dos Jornalistas, realizado em Porto Alegre em maio de 1996.
- 5 Cf. Ben Bagdikian, "The Media Monopoly", in Revista Comunicação e Política, Medias e Tecnologias, nº 1. Rio de Janeiro, Cebela, jan/abril, 1996.
- 6 O livro Apocalípticos e Integrados ante a Cultura de Massa, de Eco, foi citado por Eduardo Vizer em artigo "Ante lo Desafio de la Cultura Tecnologica: El camino de los países desarrollados escrito para revista Telos nº 37 (1994).
- 7 POSTMAN, Neil. "A Ideologia das Máquinas: a tecnologia do computador", in Comunicação & Política, Medias e Tecnologias, nº 1. Cebela, Rio de Janeiro, 1996.
- 8 Eduardo Vizer é membro do Centro de Estudos Avanzados da Universidade de Buenos Aires em artigo para revista Telos nº 37, publicada em 1994.
- 9 VIZER, Eduardo, op. cit.
- 10 ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ed. Cortez, São Paulo, 1995.
- 11 MEDINA, Cremilda. Tecnologia e Pactos do Poder, in Comunicação & Política. Rio de Janeiro, Cebela, 1993.
- 12 Por dialógico, conceito baseado na teoria bakhtiniana, e horizontal entende-se a comunicação que dá espaço ao diálogo, que ouve a fala do receptor, onde todas as partes têm participam e têm direito à voz.
- 13 LINHARES, Hermínio Paulo, Contribuições à História das Lutas Operárias no Brasil. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.
- 14 FERREIRA, Maria Nazareth. A Imprensa Operária no Brasil. São Paulo, Ática, 1988.
- 15 RIBEIRO, Darci. Aos Trancos e Barrancos. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1985.
- 16 MOMESSO, Luiz. "Implicações da Profissionalização na

- Comunicação Sindical" in FERREIRA, Maria Nazareth (org.). O Impasse da Comunicação Sindical no Brasil. São Paulo, 1995.
- 17 Novos Movimentos Sociais é um termo proposto pelos Cientistas Sociais brasileiros no começo dos anos 80 para designar os movimentos grevistas do ABC paulista, movimento da carestia e os movimentos de mulheres que se espalharam pelo país.
 - 18 GRINSBERG, Máximo. "Conjunciones Autoritárias: Notas para una Investigación", Comunicação & Política nº 6, São Paulo, Cebela, 1986.
 - 19 GRINSBERG, Máximo, op. cit.
 - 20 MOMESSO, Luiz, op. cit.
 - 21 MEDINA, Cremilda, op. cit.
 - 22 Renato Ortiz em palestra proferida no 27º Encontro Nacional dos Jornalistas, em maio/1996. Autor de, entre outros, Mundialização e Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1994.
 - 23 Citado por Carmem Gomez no ensaio "Arte, Tecnologia e Sociedade".
 - 24 CANCLINI, Nestor Garcia. "Hibridez y Modernidad" in Umbral XXI nº 8. México, 1992.
 - 25 THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna, Petrópolis, Vozes, 1995.
 - 26 CANCLINI, Nestor G. op. cit.
 - 27 MORIN, Edgar. Para Sair do Século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
 - 28 ORTIZ, Renato, op. cit.
 - 29 Dados fornecidos pelo jornalista Bill Hinchberger em matéria sobre a Internet à revista Atenção, nº 2, janeiro/1996.
 - 30 IANNI, Octávio. A Sociedade Global. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

